

**PODE A MATERNIDADE  
SER UMA ANTROPOTÉCNICA?  
ANTROPOTÉCNICA EM SLOTERDIJK –  
UMA HIPÓTESE ESPECULATIVA**

Éricka Moura De Gouveia<sup>1</sup>

“O que pode um corpo fazer?” (Espinosa)

Resumo: Pode a maternidade ser uma antropotécnica? *antropotécnica em Sloterdijk*, sendo uma pesquisa temática, e não de leitura estrutural de textos, busca, a partir de um pensamento calcado no fazer filosófico de Peter Sloterdijk, majoritariamente, correlacionar a maternidade e a noção de antropotécnica. Partindo daquilo proposto em *Esferas I: Bolhas: Volume 1*, de Sloterdijk, apresenta-se como o autor comentou a maternidade, em especial a questão da clausura materna e como o feto, ainda em condição e espaço uterinos, correlaciona-se com sua progenitora. Com este intuito, reconstitui-se sua argumentação do capítulo “A clausura materna: para a fundamentação de uma ginecologia negativa” acerca da transferência e busca de retomada do estado de satisfação e imersão pura no ventre materno: o desejo de união mística reentrado no útero, estado de envoltura essencial, sem a relação sujeito e objeto, apenas proteção e plenitude. Por fim, no terceiro e último capítulo, fixando-se mais firmemente a teoria sloterdijkiana, pensa-se sobre

---

<sup>1</sup> GOUVEIA, **Éricka**. Can motherhood be an anthropotechnic? Anthropotechnics *in Sloterdijk – a speculative hypothesis*, 2022, Dissertation (Master in Philosophy) – Postgraduate Program in Philosophy at the Pontifical Catholic University of São Paulo, 2022.

Pode a maternidade ser uma antropotécnica?

Antropotécnica em Sloterdijk – uma hipótese especulativa

as formas possíveis de aplicação da noção de antropotécnica – aqui com sua noção constituída a partir do livro *Tens de Mudar de Vida*: técnicas de automodelagem e autoformatação que garantem o que Foucault chamou de “diferença ética” – à maternidade anteriormente circunscrita, explicitando as formas de dessubjetivação e resubjetivação do sujeito envolvido nesse conjunto de relações de parentalidade. Ainda neste momento, aponta-se uma argumentação da hipótese, previamente sustentada na Introdução desta investigação, de que a maternidade, em determinados casos, faz-se tal como a antropotécnica conceituada por Peter Sloterdijk, explicitando uma expressão possível do conceito em pauta em um tema marginal dentro da obra do autor.

Palavras-chave: Maternidade. Antropotécnica. Peter Sloterdijk. *Tens de mudar de vida*.

Abstract: *Can motherhood be an anthropotechnics?: anthropotechnics in Sloterdijk*, being thematic research and not structural reading of texts, seeks, from a thought based on Peter Sloterdijk philosophical work, to correlate motherhood and the notion of anthropotechnics. Then, in the second chapter – starting from what was proposed in Sloterdijk *Spheres I: Bubbles: Volume 1* –, it will be presented how the author commented on motherhood, especially the issue of maternal closure and how the fetus, still in uterine condition and space, correlates with its mother. To this end, his argument from chapter four “The Retreat Within the Mother Groundwork for a Negative Gynecology” is reconstituted about the transference and search for the resumption of the state of satisfaction and pure immersion of the maternal womb: desire for mystical union re-entered the uterus, essentially wrapping state without the subject and object, but only protection and fullness. Finally, in the third and final chapter, establishing the Sloterdijk theory more firmly, we will think about possible ways of applying the notion of anthropotechnics – here constituted from the book *You Must Change Your Life*: techniques of self-modeling and self-formatting that guarantee what Foucault called “ethical difference” – and, previously better circumscribed, motherhood, explaining forms of desubjectivation and resubjectivation of the subject involved in this set of parenting relationships. Thus, a defence of the hypothesis previously supported in the Introduction of this investigation is pointed out, that motherhood, in certain cases, is done as the anthropotechnics conceptualized by Peter Sloterdijk, making explicit a possible expression of the aforementioned concept in a marginal theme within the author’s work basis for this research. At the end of this dissertation, through a *historiobiography*, a *post scriptum* is presented about the experience of motherhood lived by the author of this investigation starting from what was proposed in *Spheres I: Bubbles: Volume*

1, by Sloterdijk.

Keywords: Motherhood. Anthropotechnic. Peter Sloterdijk. You Must Change Your Life.

## Introdução

O presente artigo, se propõe a traçar um percurso, como propósito principal, apresentar a maternagem como uma antropotécnica tal como entendida em Sloterdijk, ressaltando, primeiramente, *que* tipo de maternidade aqui se quer demonstrar como a experienciada, e ainda que *nem toda* maternagem pode ser pensada como antropotécnica. No entanto, é oportuno explicitar a hipótese investigativa e, por assim dizer, especulativa, de que a maternagem, ora circunscrita, pode sim ser pensada como uma antropotécnica tal como tratada por Sloterdijk.

Dito isto, a questão que se fixa para fins elucidativos é: de que maternidade se fala nesta investigação? Trata-se, de uma investigação a partir da experiência pessoal desta que aborda a questão. Dessa maneira, o capítulo, intitulado *Das relações filosóficas estabelecidas*, inicia-se respondendo à pergunta *De que maternidade se fala?*, que dá nome à primeira seção, e firmando as bases do objeto específico desta investigação: não há a Maternidade, com M maiúsculo e concepção conceitual universal, mas uma maternidade possível e pontual – a saber, aquela experienciada a partir da norma branca, burguesa, europeia, moderna e cis-heteronormativa. Dessa forma, dando continuidade à especulação e firmadas as nuances e especificidades do objeto aqui analisado, antes de adentrar na teoria sloterdijkiana propriamente dita, é importante estabelecer alguns elos, ressaltar algumas filiações teóricas que operariam como genealogia reversa entre os autores aqui trabalhados. Assim, na seção *Considerações filosóficas prévias*, são elaborados dois blocos de considerações teóricas, ambos necessários para compreender Sloterdijk e aquilo que se apresenta como horizonte final desta investigação: a correlação entre maternidade e antropotécnica. Logo, no primeiro tópico, *Foucault e Sloterdijk: algumas pontuações*, busca-se fixar algumas relações possíveis entre Foucault e Sloterdijk, em especial para que se possa compreender as aproximações entre as noções de *tecnologia de si*, *cuidado de si* e *estética da existência*, cunhadas pelo primeiro, e *antropotécnica*, conceituada pelo segundo.

Pode a maternidade ser uma antropotécnica?

Antropotécnica em Sloterdijk – uma hipótese especulativa

Seguindo com a apresentação, *A maternidade pelas lentes esféricas de Sloterdijk*, no tópico *Da bolha primal e dual*, começa-se a trabalhar a visão peculiar do autor acerca da maternidade. Dizemos peculiar haja vista que nega incisivamente a tradicional filosofia alemã da existência como solitária — no instante anterior, no ventre, e no momento em que chega ao mundo —, de tal maneira que, depois de dissecar seu tratado da existência da primeira da bolha, que, por assim dizer, trata do gestar e das sequências do vir ao mundo, trabalha-se também a pergunta “a maternidade poderia ser considerada uma antropotécnica, tal como nos termos de Peter Sloterdijk?”, questão central para o desenvolver investigativo desta dissertação. No entanto, a especificidade dessa questão abriria um campo de pesquisa até então pouco mapeado, que é o entrecruzamento entre dois registros distintos dentro da obra de Sloterdijk — a saber, os problemas da maternidade e da antropotécnica. O primeiro deles, aquele trabalhado nesse tópico, é a maternidade tal como mostrada no capítulo quatro de *Esferas I: Bolhas: Volume 1* — “A clausura materna: para a fundamentação de uma ginecologia negativa”. Neste ponto de sua obra, Sloterdijk (2016) apresenta uma arguição acerca da transferência e busca de retomada do estado de satisfação e imersão pura no ventre materno: o desejo de união mística reentrado no útero, estado de envoltura essencial sem a relação sujeito e objeto, apenas proteção e plenitude.

Encerrado a visão de Sloterdijk, pode-se, agora, pensar livremente o entrecruzamento filosófico do conceito de antropotécnica cunhado por Sloterdijk (2018) e o campo temático eleito como fio condutor desta dissertação. Assim, no terceiro e último capítulo, *Maternidade e antropotécnica*, fixa-se mais firmemente a teoria sloterdijkiana. Primeiramente, na seção intitulada *Da noção de antropotécnica*, tal como no bloco anterior, lê-se estruturalmente a construção argumentativa do conceito, reconstituindo-a em seus pormenores, como no livro *Tens de mudar de vida* (2018), e ressaltando aqueles pontos necessários para a compreensão das técnicas de automodelagem e autoformatação que garantem o que Foucault chamou de *diferença ética*.

## 1. De que maternidade se fala?

Inicialmente, é necessário circunscrever a experiência aqui analisada, para melhor construir o objeto do artigo, em que se delimita exatamente de qual maternidade se fala, bem como o contexto histórico, cultural e as relações de saber-poder que a envolvem, pode-se, agora, começar a traçar as linhas conceituais mais objetivamente necessárias para a resolução do pro-

Pode a maternidade ser uma antropotécnica?

Antropotécnica em Sloterdijk – uma hipótese especulativa

blema aqui apresentado, mais pontualmente a segunda metade da pergunta postulada: “a maternidade poderia ser considerada uma *antropotécnica tal como nos termos de Peter Sloterdijk?*”. Já mapeado o início da questão, habilita-se neste momento um processo meditativo acerca de Sloterdijk, em especial no tocante a seus comentários discursivamente enunciados em seus textos sobre a maternidade. Para que se isso possa ser feito, no entanto, primeiro, são necessários alguns ajustes argumentativos, clarificações acerca das aproximações e apropriações de Foucault feitas por Sloterdijk, dado que o conceito de antropotécnica parte da arqueo-genealogiata, assim como certas críticas (epistemológicas e, principalmente, políticas) endereçadas ao filósofo que merecem considerações, ajustes e justificativas.

### 1.1. A maternidade pelas lentes esféricas de Sloterdijk: da bolha primal e dual

“Tudo que é reto mente, toda verdade é curva”

(Nietzsche)

Na obra intitulada *Esferas* compêndio-trilogia, cujos volumes são denominados de *Bolhas* (o primeiro), *Globos* (o segundo) e, por fim, *Espumas* (o terceiro), sendo o primeiro o objeto de análise, ora posto.

Tal discussão se inicia com o alerta de Platão em sua academia (Só entra quem for geógrafo) para de imediato nos apercebermos da relevância da questão geométrica. Nesta obra, o filósofo alemão discorre de maneira erudita – como de praxe ao longo de todos os seus escritos, posto que, além de filósofo, filólogo, ele é eminentemente um historiador – a tese, de uma visão do mundo e suas interrelações, como algo de natureza geógrafa, por assim dizer, contornando as inúmeras formas de existir, que, em sua perspectiva, são todas esféricas. Neste diapasão, encontra-se, na obra de Sloterdijk, porque não dizer, uma obsessão em enxergar o mundo a partir de formas. Diz ele: “a vida é uma questão de forma”<sup>2</sup>, sugere, pois, que viver é viver em esferas, é constituir esferas, vida esta que, ressalta-se, pouco importa se nômade ou sedentária, sempre se dá em bolas. Teoriza, com uma justa medida de obstinação, que “ histórias de amor, são histórias de formas, e que

---

2 P. SLOTERDIJK, *Esferas I: bolhas*, 2016, p. 14.

Pode a maternidade ser uma antropotécnica?

Antropotécnica em Sloterdijk – uma hipótese especulativa

toda solidarização é a formação de uma esfera, isto é, a criação de um espaço interior”<sup>3</sup>. O fio condutor, alertado em suas primeiras páginas, sinaliza ao leitor que, se não estiver disposto a condenar a solidão, não avance na leitura, porque o autor apresenta o mundo redondo – não apenas geograficamente – inclinando-se para afirmar que este mundo é intimamente compartilhado e, a partir daí, começa a analisar e a teorizar as bolhas. A primeva, a original, a primária, por assim dizer, seria a bolha do ventre materno, a barriga esférica que contém o feto, onde a solidão simplesmente inexistente, isto é, desde a criação de um espaço interior, há a figura dual, diádica, existe um compartilhamento primordial.

A reflexão do universo dá-se a partir de bolhas bipolares, onde o âmago de toda a questão são as relações de intimidade que se inauguram no recinto interior, “como algo no interior de algo” (tal como o feto que recebe, no útero da mãe, as boas-vindas), isto é, trata-se de uma teoria da coexistência, da pura e genuína intimidade, na qual, em outras palavras, contesta-se veemente e peremptoriamente a visão de uma solidão primária do ser humano.

Nessa afinação de argumentos, a descoberta do esférico é uma questão de diminuir o ritmo da visão conjunta, daquilo que salta à vista, posto que estamos desde sempre envolvidos de uma maneira ou de outra. De certo modo, estamos todos embevecidos, absortos nas relações esféricas, mesmo quando, por motivos outros — de ordem cultural — aprendemos a ignorá-las, a abstraí-las, a simplesmente contorná-las, melhor dizendo, aprendemos a nos domesticar, a desviar das esferas de forma tão clara e evidente aos nossos olhos que nos desviamos delas até nos nossos pensamentos. Dito isto, essas esferas onde o homem convive, desde o ventre, criam círculos protetores dos seres humanos, engendrando uma espécie de imunidade, que Sloterdijk chamou de “co-imunidade”. O autor esclarece que tais arredondamentos são espontaneamente formados numa realização de si, são, por assim dizer, fenômenos que podemos comparar com os grupos de pessoas que se formam livremente, em círculo, ao redor de uma lareira, para usufruir simultaneamente de um calor imediato.

Para pensar o espaço íntimo, o espaço interior, argumenta o autor que, na psicologia moderna, não se esgota dizer que os homens constroem o seu espaço – sua maneira de habitar – como “arquitetos de interiores”<sup>4</sup>, entretanto, entende ele que essa radicalidade da psicologia moderna se manifesta na medida que pressupõe o ser humano como sujeito que apenas, só e unicamente, instala-se a si próprio no interior. Porém, porque ele também é acolhido, desde o início da ocupação comum, em companhia de outros, o ser humano não é apenas o archi-

3 *Ibidem*, p. 15.

4 *Ibidem*, p. 78.

Pode a maternidade ser uma antropotécnica?

Antropotécnica em Sloterdijk – uma hipótese especulativa

teto, o engenheiro do seu próprio espaço interior, ainda que exista nesse espaço interior “uma caixa de ressonância” onde aquele que habita esse espaço compartilha-o, por assim dizer, divide-o reciprocamente com outro.

Por mais estranho que possa parecer esse compartilhamento de espaço, é o que se dá, pois trata-se de espaço psicológico que, desde o início, lida com esse compartilhamento. Reforça que este paradoxo dos dois coabitarem o mesmo espaço é confirmado na medida em que a subjetividade partilhada e distribuída existe como “o resto inquieto de um par cuja metade subtraída não cessa de solicitar aquela que permaneceu” (SLOTERDIJK, 2016, p. 79).

Esse espaço, segundo o autor, seria como um continente interno do ser, lembrando, com um tiro certo, que em sua investigação conceitual não expõe nem o “estar-aí” de Heidegger, tampouco a dobra do exterior, formulada por Deleuze e Foucault, dado que não se fala de uma superfície ou de uma exterioridade, mas de algo como o interior ou um “selfie”.

Nota-se aí uma verdadeira “teoria do íntimo”, na qual seria impossível falar do homem sem discriminar, descrever o seu surrealismo topológico. Dito de outro modo, falar do homem é falar em lidar com o espaço interior habitado. É recomendável, a esta altura, observar a metáfora precisa e cirúrgica, quase poética deste espaço interior com o adocicado do ser. Sloterdijk argumenta, seguindo esta linha de comparações metafóricas, que ao pensar nessas intimidades domésticas, produz-se imediatamente uma sensação de enjoo pelo excesso do adocicado, “razão pela qual uma filosofia da doçura é tão inexistente quanto uma elaborada antologia da esfera íntima”<sup>5</sup>. Prosseguindo em suas reflexões acerca da intimidade ou, em outras palavras, acerca de uma teoria do íntimo, via de regra os considerados intelectos maiores dirigem seus objetivos para algo supostamente digno, preferindo, em geral, o ácido ao doce, e conclui:

Aos heróis não se oferecem confeitos. Em vista dessa orientação para a acrimônia intelectual e existencial, o que poderia parecer mais adocicado, mais meloso, menos heroico do que a absurda exigência de tomar parte de uma investigação sobre aquele espaço pastoso, vago e humildemente matriarcal em que os homens, de início e de maneira geral, se instalaram em busca de certezas, como benevolentes convivas da normalidade e internos em asilos de bem estar?<sup>6</sup>

---

5 *Ibidem*, p. 83.

6 *Ibidem*, p. 85.

Por este motivo, seria pouco *heroica* uma investigação sobre este ventre materno, desta forma perceber-se a razão de ter sido deixado de lado. Isto posto, o autor lembra que talvez este desprezo por uma investigação genuína e legítima do ventre materno seja fruto dos efeitos subversivos que o adocicado proporciona. Como se sabe, o meloso, o adocicado, podem patrocinar um efeito adverso sobre o arrogante, deixando-o desafetado, amolecido, por assim dizer, donde seria extremamente *perigoso* ou *sem interesse algum* para os que acreditam que o intelecto robusto necessita de dureza, de acidez. Cabe salientar que, a partir desta concepção primitiva da necessidade do adocicado, o autor trouxe a questão do seio materno como mais uma esfera, chamada por ele de “esfera láctea de doçura em seu interior”<sup>7</sup>. Dessa maneira, compreende-se que é através desta intercessão, deste encontro de ressonâncias afins, desde e lá no ventre materno, que ele chama de “invasões vantajosas no indivíduo”<sup>8</sup>, que se constrói uma espécie de gruta, de caverna, onde por toda a vida se acumula ali amor. Trata-se de um lugar comum para o *self* e os espíritos associados se embeberem de felicidade, podendo, desta maneira, e compondo-se mutuamente, formatar o sujeito autodefinido. Esta gruta, esta caverna, este espaço íntimo consiste exclusivamente em espaços partilhados e compartilhados, espaços onde há uma esfera “cossubjetiva e Inter inteligente”, onde só fazem parte, necessariamente, grupos de dois, grupos diádicos, grupos multipolares que, em decorrência dessa estreita proximidade, dessa estreita identificação, por assim dizer, formando verdadeiras ressonâncias, seja de ordem psicanalítica ou não, engendram-se a si mesmos, podendo se produzir sem nenhuma influência externa, o que é chamado de autógenos, este sim, seria o espaço interno criador de um *self* robusto.

Convém explicitar, por exemplo, que apesar de se tomar emprestado muito das teorias da escola psicológica da interioridade e da psicologia do inconsciente, é apenas como uma superficial referência, posto que, se tivesse que tomar algum autor para fundamentar esta questão da primeira esfera – a esfera primal e dual do ventre materno – seria Gaston Bachelard, em sua obra *La Tere et les rêveries du repôs*, de 1948. Bachelard, na década de 1940, falava sobre as casas natalícias, as casas de sonho, as grutas, sobre os labirintos, as raízes, sobretudo sobre o “círculo primitivo”<sup>9</sup>, donde, se o homem se permite um devaneio, um passeio pelo círculo da intimidade, chegará a esta bolha primal onde se encontra o primeiro sujeito.

---

7 *Ibidem*, p. 88.

8 *Ibidem*, p. 89.

9 *Ibidem*, p. 91.

## 2. Da clausura materna e a ginecologia negativa

*“Na barriga da mãe, não se tece apenas um outro corpo, fabrica-se a alma”*

(Mia Couto)

Dando seguimento à estrutura argumentativa da questão da maternidade, o autor pontua que, a partir da era romântica, houve o apego ao princípio maior de que “a natureza cura” (SLOTERDIJK, 2016, p. 223), mas, nos tempos de Friedrich Hufeland (1744-1839), essa tal *natureza* seria a simpatia, em outras palavras, uma magnetoterapia, ou seja, o emprego de magnetismo no tratamento das doenças. Em sua época, o doente que fosse afetado, dito diferente, que fosse consumido pela simpatia do magnetismo no tratamento de sua doença, curava-se a si mesmo, como inconsciente restaurador da saúde, estabelecendo, enfim, a cura.

Portanto, dentre todos que defendiam tal ideia, Sloterdijk cita Frederick W. Hufeland como o que mais se destaca, uma vez que, em seu ensaio a propósito de uma história natural da simpatia, foi o primeiro a conceber publicamente, inclusive, a relação de cura mediante uma proximidade magnética. A concepção de Hufeland, ao falar da habitação do feto na mãe, foi até aquele momento a coisa mais inovadora já entendida, assim como, historicamente, foi a mais profunda de todas as interpretações para a união esférica entre sujeitos. Poder-se dizer que, ali, olhou-se de forma reflexiva para as afetações que se dão no existir do feto no útero materno, donde se observa o verdadeiro “enclausuramento espacial da vida”<sup>10</sup> dentro de um corpo, que, no caso, é o ventre da mãe.

É preciso salientar que Hufeland (1744-1839) foi além, ao dizer que a própria composição espiritual da criança tem uma relação direta com esta dependência simpática (das relações e funções nervosas centrais) com a mãe, pois, ao permanecer na clausura materna, dependendo inteiramente das funções nervosas centrais desta, a mãe exerce um magnetismo direto sobre o feto, melhor dizendo, o feto seria completamente animado com a própria vida da mãe, sendo esta última já inteiramente formada em suas funções nervosas.

Dito isto, para Hufeland (1744-1839), o feto é como uma planta que se aloja no âmago de um animal, cresce para se tornar também um animal que se abrirá ao mundo do espírito. Neste fio condutor, lembra ainda o autor que Schelling (1775- 1854), já em sua doutrina filosófica, comentava que os organismos superiores acumulam como que um estoque corpóreo de memórias,

---

10 *Ibidem*, p. 269.

guardando uma lembrança integral de seus modos anteriores de existência. Com isso, coloca-nos em uma posição na qual se pensou no feto de outro modo completamente diferente, em que há uma história anterior armazenada no homem, não só suas lembranças atávicas, mas também da história natural, por assim dizer, lembranças da pedra, até ser um ser vivo sensitivo e autoconsciente, bem como de seu desenvolvimento no espaço íntimo uterino. Com isso, tem-se praticamente uma nova forma de curar, ou seja, uma nova arte de curar, na medida que os pacientes do magnetismo se lembrariam dessa vida *vegetativa*, no útero da mãe; dito de outra forma, acessariam um *estado* no qual a sua condição vegetativa era animada e coordenada a partir do centro da mãe. Contudo, muito embora Hufeland tenha chegado a todas essas conclusões sobre a união dual, diádica, da mãe com a criança durante a gravidez, ele não se estendeu muito sobre a equiparação do feto à planta para chegar a um desenvolvimento e ou uma reflexão sobre a investigação pré-natal da consciência e sobre a teoria genética da transferência, tal avanço só se deu 150 anos mais tarde, por intermédio de outros. Porém, não foi menos importante sua inquestionável e profícua investigação ao aproximar, por assim dizer, o nascimento e a convalescença, na medida que observou uma inusitada correlação magnética com a história da memória do corpo. Doravante, percebemos um recorte do autor, onde, a partir de agora, a intimidade significará a proximidade da barreira que separa o útero materno do mundo público. E nesta fronteira, neste limiar, segundo ele, que se decide se o sujeito e o objeto se separam um do outro, ou se o sujeito entra no objeto de tal modo que este último perde seu caráter de objeto e até mesmo seu *estar-aí*, sua capacidade de estar diante dos olhos. Para tanto, Sloterdijk referencia o autor Thomas Macho, que denominou tal relação de “nobjeto”, que nada mais é que o não objeto, em que não há nada à vista dele, posto que o observador pode ser absorvido, deslocado até o ponto em que de fato não é nada objetivamente presente diante dele, daí a expressão “nobjeto”, o não objeto, o “antes dos objetos”. Ao mesmo tempo, apesar da fusão bipolar esférica da teoria dual, mãe e filho existem por intermédio dessa fusão como se fossem também algo unitário.

No dizer de Sloterdijk, Macho (1952) demonstrou exatamente o inverso de toda a conceituação psicanalítica a propósito dessas primeiras interações e relações consideradas fundamentais, entretanto, para Macho, a conceitualização tornou-se deformada pelo preconceito do objeto, melhor dizendo, pela obsessão em fazer uma correlação com o objeto. Daí sua teoria do “nobjeto” revisar toda a antiga teoria psicanalítica. Este olhar trouxe uma nova luz para a relação do chamado “casulo íntimo da primeira díada”<sup>11</sup>. Na fase pré-oral, já haveria as primeiras manifestações com as quais o feto teria que lidar, mesmo que imerso, em suspenso; sem nenhum objeto que possa ser analisado ou ser visto, já teria que lidar com a chamada medialidade radical.

---

11 *Idem.*

Pode a maternidade ser uma antropotécnica?

Antropotécnica em Sloterdijk – uma hipótese especulativa

Sloterdijk discorre com bastante clareza a esse respeito, vejamos a seguir. Em primeiro lugar, deve se conceber uma fase de coabitação fetal em que a criança em formação experimenta presenças sensoriais dos líquidos, dos corpos moles e dos limites da caverna: “o sangue placentário, em primeiro lugar, depois o líquido amniótico, a placenta, o cordão umbilical, a bolsa das águas e uma vaga representação preliminar da experiência de limites espaciais pela resistência da parte abdominal e do envoltório elástico”<sup>12</sup>, como um ambiente que prepara, que anuncia aquilo que será a *realidade do mundo externo*.

Dito isto, percebe-se que Macho não considerou nada que estivesse contido no ventre materno como sendo uma relação com objetos, pois, de fato, eles não correspondem a nada que esteja diante de um sujeito, porquanto, Macho denominou de nobjetos aqueles elementos com os quais o feto tem que se confrontar na clausura materna, onde se dá a primeira, digamos, fase pré-oral. Nesse estágio de suspensão do feto, em total imersão, ele se encontra-se com o sangue materno.

### 3. Maternidade e antropotécnica

Passa-se aqui à análise, por intermédio do método estrutural, na qual paulatinamente verifica-se a antropotécnica em Peter Sloterdijk, presente no livro intitulado *Tens que mudar de vida*. Sabe-se que, na cena contemporânea, surge o imperativo da linguagem da urgência ocupando a linguagem da esperança. Como diria Edgar Morin, vivemos um momento de “policrise”<sup>13</sup>, crise esta que tem seu ponto de origem, segundo sua visão, no atentado ao World Trade Center, nos Estados Unidos da América, que, segundo ele e outros analistas políticos, completa 21 anos, e atinge seu cume máximo, na medida que nos debatemos com questões políticas, ambientais, econômicas, sociais, éticas, sanitárias etc., se é que pode haver eteceteras. Nesse contexto de conflitos de toda ordem, surge uma voz que, aos brados e com muita fundamentação filosófica e histórica, diz: “tens que mudar de vida”. Nesta frase não está contida nenhuma proposição de autoajuda, mas uma conclamação para que haja uma ajuda generalizada, afinal “cada homem tem em si a condição inteira da humanidade”<sup>14</sup>. É com esta preocupação que Sloterdijk conceitua em seu livro a questão da antropotécnica, questão que a rigor pode

---

12 *Idem*.

13 E. MORIN; P. SLOTERDIJK, *Tornar a terra habitável*, 2021, p. 11.

14 MONTAIGNE apud *ibidem*, p. 16.

Pode a maternidade ser uma antropotécnica?

Antropotécnica em Sloterdijk – uma hipótese especulativa

muito bem vir a ser um brado *salvador* de todos, muito embora, aqui, interesse explorar a antropotécnica que modifique, molde, transforme o indivíduo.

Tal brado aparenta ser uma verdadeira ordem de comando *meta-noico*. Dito isto, é conveniente mencionar a possível e factível comparação da maternidade a uma técnica para alcançar o melhor de Si, concebendo-a como uma prática de autoplástica, como uma antropotécnica (vista em Sloterdijk), muito embora seja de clareza solar que a maternidade não se dá como esta prática de melhoramento em todas as mulheres, tampouco para todas as culturas, ou em todas as épocas. Assim posto, é impossível falar da maternidade como um guia, um livro, ou manual, a ser adotado por aquele que *exerce a maternagem* e que resultaria, necessariamente, na transformação de Si. Todavia, é sabido que a prática do cuidar materno, em contrapartida, conduz a abstinências, memorizações, exame de consciência, meditações, silêncio e, por fim, à escuta do outro. Tal passagem e reflexão encontra-se no próprio Foucault como as resultantes que um treino, um exercício, uma prática proporcionam (FOUCAULT, 1983).

#### 4. Da noção de antropotécnica

Para sustentar a hipótese aqui arguida, vale precisar a *antropotécnica* mencionada pelo autor. Compreende-se, por intermédio da obra *Tens que mudar de vida*, que tal brado conclamando a mudança dá-se com a prática de exercícios de tração vertical — para cima e para o alto — (atratores) que transmutam o modo de vida atual, por assim dizer, frívolo, para um modo de vida num mundo melhor de se viver. Interessa aqui discorrer sobre como um exercício praticado de forma repetida, visceral e comprometida pode modificar a essência de indivíduo. Sabe-se que tais exercícios são aqueles oriundos da Antiga Grécia e condensados pelo termo “antropotécnica”, cunhado por Sloterdijk. Diz o autor:

Quando Marx e os jovens hegelianos articularam a tese de que é o próprio homem que produz o homem, o verdadeiro significado dessa afirmação foi imediatamente obscurecido, no entanto, por mais uma conversa fiada, desta vez sobre o trabalho como único ato essencial do homem. Mas se o homem produz de fato o homem, não é por meio do trabalho e dos resultados concretos deste precisamente, nem tampouco por meio do trabalho “sobre si próprio”, hoje tão amplamente cantado, e muito menos através da “interação” ou “comunicação”, que são alternadamente invocadas — é através da sua vida em diferentes formas de exercício. Defino como exercício qualquer operação pela qual a qualificação do agen-

te é estabilizada ou melhorada até à execução seguinte da mesma peração, seja ela declarada ou não como exercício.<sup>15</sup>

Cabe salientar que o autor, de forma enfática, alude à impossibilidade de falar de uma autoprodução do homem, sem antes falar que tal autoprodução só se forma numa vida em exercício, e, portanto, destaca: “É tempo de mostrar que o homem é o ser que resulta da repetição. Tal como o século XIX em termos cognitivos se situava sob o signo da produção, e o século XX sobre o da reflexividade, o futuro deveria apresentar-se sob o signo do exercício”<sup>16</sup>.

De início, esclarece que Nietzsche, mesmo que tardiamente em suas reflexões dietológicas da década de 1880 — no *Ecce Homo* —, refletiu e pensou na teoria da vida como *exercício*, ou ascetologia geral, trazendo, de modo profícuo, a ideia de uma teoria global calcada na existência *como exercício*.

Sloterdijk explicita ainda que “*Tens que mudar de vida*” se pauta inicialmente em estabelecer três tipos de imunologia para o homem, a saber: a imunologia biológica, a imunologia social ou jurídica, e a imunologia simbólica. O foco aqui recairá sobre o arcabouço da terceira imunologia, ou seja, a imunologia simbólica, na qual estariam as grandes interpretações do Ser no mundo, melhor dizendo, as grandes religiões, crenças, mitologias. A partir desta imunologia, crê o autor ter a matéria prima, ou ainda, a trama do tecido que compõe a antropotécnica.

Por antropotécnica entendo os procedimentos de exercitação mentais e psíquicos com que os homens das mais diversas culturas tentam otimizar o seu estatuto imunitário cósmico e social face aos vagos riscos da vida e as agudas certezas da morte. Somente quando estes procedimentos forem integrados no vasto quadro do “trabalho sobre si próprio “que o homem realiza poderão avaliar se as mais recentes experiências de engenharia genética, às quais se quer reduzir no debate atual, o conceito de “antropotécnica”, reintroduzido em 1997.<sup>17</sup>

Salienta-se de antemão que a vida em exercício proposta pelo autor consagra como uma fonte central a frase de Sócrates platônico; “o homem é o ser que potencialmente é superior a si mesmo”. Tal indicação traria necessariamente toda a exploração dos *exercícios* como sendo tensões humanas verticais. Comenta o autor ainda que, em todas as culturas, subculturas ou

---

15 P. SLOTERDIJK, *Tens de mudar de vida*, 2018, p. 16.

16 *Ibidem*, p. 17.

17 *Ibidem*, p. 23.

Pode a maternidade ser uma antropotécnica?

Antropotécnica em Sloterdijk – uma hipótese especulativa

cenar, percebe-se que há uma polarização de classes, em que se subdividem diferenças centrais, a saber: perfeito *versus* imperfeito, religioso *versus* profano, nobre *versus* plebeu, superior *versus* subalterno, excelência *versus* mediocridade, abundância *versus* carência, saber *versus* ignorância, iluminação *versus* cegueira. Por conseguinte, em todas as culturas, cenas, ou subculturas, o que se percebe de fato é que se almeja sempre o primeiro valor, considerando-o como o *trator principal* e o segundo, sempre, como aquele valor de rejeição, aquele valor enojoso, antipático, e isso se dá, ressalte-se, como um denominador comum em todas as culturas. Esclarece Sloterdijk:

O que aqui designo por atratores são, pelo seu modo de ação, os padrões de medida das tensões verticais que asseguram a orientação nos sistemas psíquicos. A antropologia não pode continuar a ignorar a realidade de tais grandezas, se não quiser passar ao lado dos vetores decisivos da *conditio humana*. Só pela percepção das forças de tração que se manifestam “de cima” se pode explicar por que razão e sob que formas o *Homo Sapiens*, que paleontologistas nos distribuem até à porta da faculdade de ciências humanas, pôde desenvolver-se e converter-se no animal com tendência para subir, que nos descrevem, mais ou menos em unísono, historiadores das ideias e grandes viajantes. Onde quer que encontremos membros do gênero humano, esses mostram, em todo o lado, os traços dum ser que está condenado ao esforço surrealista. Quem procurar os homens, encontra acrobatas.<sup>18</sup>

Como breve ilustração elucidativa, para na sequência adentrarmos na questão dos atratores verticais, ou seja, nas tensões verticais, é preciso lembrar a imagem do torso nu de Rodin, expressa na poesia de Rilke, que o autor tomou como pedra angular da obra *Tens de mudar de vida* (2018), inclusive tomando emprestada do poeta a expressão título do livro. Contudo, enfatiza ele que o fragmento do torso do *suposto* Apolo mostra justamente que não se tem em conta uma perfeição, mas — e independentemente da mutilação da escultura — um chamado à autoridade, melhor dizendo, uma voz conclamando para o alto e para o interior de si próprio. Para Sloterdijk, *perfeito* é, na verdade, o que conversa, o que articula no movimento inteiro do *ser* dito de outra forma, a função do poema de Rilke é apreender o movimento do Ser em comparação com a existência própria do autor, ou de quem o admira (aquele que vê, admira a obra de Rodin).

De mais a mais, alerta que, diante do torso nu, muito embora seja um fragmento, muito embora não haja uma boca, muito embora inexista a genitália, o que se dá na contemplação do torso nada mais é que uma inversão

---

18 *Ibidem*, p. 28.

Pode a maternidade ser uma antropotécnica?

Antropotécnica em Sloterdijk – uma hipótese especulativa

de olhares: o torço olha mais para o espectador do que o espectador para ele. Tanto que, em suas palavras finais, a poesia determina: “pois não há ali lugar donde ele não te veja. Tens de mudar a tua vida”<sup>19</sup>.

Convém explicar, antes de realizar uma imersão na antropotécnica do autor, que o mesmo concedeu a Nietzsche o prêmio de *descobridor* das ascetologias modernas, na medida que foi ele que *alargou o renascimento*, trazendo para a vida moderna o *modus vivendi* dos ascetas. Nietzsche, segundo Sloterdijk, não pode sequer ser datado, nem na Antiguidade, nem na Modernidade, pois seu feito foi criar, por assim dizer, uma neo-antiguidade, trazendo a questão do *habitus* não como algo de cunho religioso e ou metafísico. O que ele fez foi, de fato, trazer das culturas ascéticas o seu descomunal alongamento histórico.

Dito isto, percebe-se que o deslocamento epocal da Antiguidade feito por Nietzsche, trazendo tais ascetes como algo “acima das épocas”, inclusive para o tempo futuro — abraçando e contendo todas as civilizações — está em plena voga. Os exercícios mentais, o autoadestramento, a automodelagem, essas ações permanecem com propósito de alcançar o mundo das tensões verticais, onde o homem, numa prática contínua para ascender ao alto, no aperfeiçoamento de Si mesmo, prossegue. A grande questão é que este ascetismo, esta disciplina seminal, digamos assim, da antropotécnica, foi *desespiritualizada* momento em que se deu o seu maior acontecimento, e, por isso mesmo, o mais abrangente, quando houve uma verdadeira inquietação de Nietzsche em conservar esta tensão vertical, mesmo após a morte de Deus — “com ou sem Deus, cada pessoa vai só até onde a sua forma o leva” (SLOTERDIJK, 2018, p. 56). Na hipótese apresentada, de correlação da antropotécnica com a maternidade, vê-se que se deu o tempo inteiro, por uma expansão do exercício, uma busca da automodelagem mediante o exercício da maternagem exercida de forma exclusiva e dedicada, na qual os treinadores, cientes ou não, seriam os próprios filhos, que ao longo do tempo produzem uma (des)subjetivação e uma (re)subjetivação *a posteriori*.

## 5. Relações possíveis

Consequentemente, toma-se, com nitidez brutal, a maternidade como uma antropotécnica, uma vez que cada *ação* age como um retorno em Si, em que a prática da maternagem age indubitavelmente e incontornavelmente sobre Si mesmo – como uma ação de automodelagem –, ainda que

---

19 RAINER apud *ibidem*, p. 40.

Pode a maternidade ser uma antropotécnica?

Antropotécnica em Sloterdijk – uma hipótese especulativa

de forma não declarada e ou não *percebida* no cotidiano (como exercício), uma vez que “criam as relações autorreferenciais que levam o indivíduo a participar na sua própria subjetificação”<sup>20</sup>. O autor se ocupa ainda em dizer que, muito embora os exercícios de autotransformação possam ser considerados como *não exercícios*, é necessário que os exercitantes tomem consciência em algum momento, dito de outra forma, que a maternagem exercida por quem a pratica deve estar num plano consciente de comprometimento com a prática, pois somente assim resultaria numa autotransformação, numa automodelagem, uma vez que a autoplástica só pode de fato se dá quando os exercitantes a reconhecem – fato que ocorre com o decorrer dos anos, no exercício e prática da maternidade.

Ressalta-se que toda a prática comentada e citada pelo autor, na qual ocorrem os processos endo-retóricos como a autoexortação, o autoexame e a autoavaliação, acontecem exatamente no processo da maternidade, visto que não somente o feto, durante o processo de gestação e a partir do seu nascimento, traz consigo, de imediato, uma autopersuasão e conscientização do exercitante da tarefa de educar. Pois é absolutamente necessário que o educador esteja em um nível maior que o educando, onde, apesar de os filhos figurarem como uma espécie de *treinadores*, há a figura daquele que *vigia a prática do exercício da maternagem – sendo ele o Eu interior*.

A maternidade, como prática do cuidar materno, pode ser entendida também e ainda por intermédio de duas premissas: como um *hábito*, posto que é exercício diário, contínuo e imerso, e como um *enclave*, uma *heterotopia*, por assim dizer, como se houvesse um isolamento da mãe com o filho em relação aos acontecimentos do entorno, ou seja, da vida mundana exterior, permanecendo ambos numa espécie de espaço de retiro à margem da roda viva do mundo.

Convém explicar as duas modalidades de *habitus*: *passiva* e *espontânea*. Para isso, usa-se, mais uma vez, o espelhamento na prática da maternagem, sendo *espontânea* a pré-pessoal, geradora de ação, toda a questão da maternidade *intrínseca* inserida, via de regra, na figura da mulher (historicização desfiada no primeiro capítulo), e sendo *passiva* a repetição da ação – prática da maternagem —, a que se desenvolve, se desdobra por intermédio do passar dos anos, com a frequência da prática, com a insistência e a intensificação dos atos que geram uma potência, como diz o autor, mas sempre se *atualizando* em novos atos. Convém explicitar que, de fato, a teoria clássica do *habitus* é equivalente à teoria do treino: “Quem se tenha exercitado como deve ser supera a improbabilidade do bem e deixa que a virtude pareça ser uma segunda natureza”<sup>21</sup>.

20 *Ibidem*, p. 142.

21 *Ibidem*, p. 231.

Pode a maternidade ser uma antropotécnica?

Antropotécnica em Sloterdijk – uma hipótese especulativa

Após vasta crítica – não destrutiva – endereçada a Pierre Bourdieu (1930-2002) para a compreensão e o entendimento do termo *habitus*, Sloterdijk aponta que “a teoria do *habitus* na forma proposta por Bourdieu precisa de uma rotação que liberte o seu potencial seminal para uma teoria geral da antropotécnica. Para tanto, basta corrigir a distorção do conceito de *habitus*, separado da fixação no fenômeno das classes e restituir a riqueza semântica que tinha na tradição aristotélica e, mais tarde, na tradição empirista”<sup>22</sup>.

Desta maneira, segundo o autor, seria possível ir para além do conceito tal como formulado pelo *pai do termo habitus*, para se conceber a “pluralidade irresumível de hábitos elaboráveis, ou módulos de capacidades treináveis, os quais consistem nos indivíduos reais”<sup>23</sup>. Pode-se dizer que, ao imbuir-se da tarefa *missionária* (sem conotação cristã) da maternidade, com um cotidiano de ações praticadas, chega-se à raiz do condicionamento – do Ser mãe – pela repetição sob a forma de *exercícios*, exercícios estes que seriam a prática *do cuidar*, onde estariam os estóicos da Antiguidade construindo uma escultura do Eu, esculpida com a intenção de ascender verticalmente para o melhor.

Seguindo a lógica argumentativa, passa-se para o entendimento dos *enclaves*, ou *heterotopias*. Sloterdijk, ao mencionar os espaços de retiro dos exercitantes, anuncia de pronto que tais fronteiras podem e devem ser mais profundas do que qualquer geopolítica, posto que são espaços criados pelas secessões, muito embora sejam citadas como mosteiros e mistérios. Ao mesmo tempo, o autor claramente deixa em aberto outros tipos de enclaves e heterotopias.

Em vista disso, percebe-se que uma conexão possível pode ser pensada entre tais conceituações, a saber, heterotopia e maternidade – e com relativa facilidade –, uma vez que a relação entre mãe e filho, numa maternagem exercida de forma contundente, por que não dizer, excessiva – de total disponibilidade –, pode criar um verdadeiro enclave, uma heterotopia do microcosmo materno em relação ao mundo, por assim dizer, exterior, em que se tem a falada margem, o espaço de retiro do exercitante.

É preciso destacar que o espaço de retiro do *exercitante*, mencionado pelo autor, mais uma vez se dá como um elo na relação mãe e filho na maternagem.

Ausência de domicílio e a existência peregrina criam espaços excêntricos por meio da fuga, de tal maneira que aquele que deixa a sua casa, o peregrino, o homem estrangeiro no mundo, leva constantemente consigo o seu próprio deserto, o seu ermitério, o seu álibi. Uma estadia no lugar do crime da vida ordinária já não é op

---

22 *Ibidem*, p. 233.

23 *Ibidem*, p. 234.

Pode a maternidade ser uma antropotécnica?

Antropotécnica em Sloterdijk – uma hipótese especulativa

ção para estes nobres mestres da esquiva. De resto, alguém que tem o seu espaço de fuga permanentemente à sua volta já não precisa de partir fisicamente.<sup>24</sup>

Amparado em tal exemplo, compreende-se que a relação entre mãe e filho, criando esta heterotopia, este enclave, exercendo um verdadeiro isolamento perante o resto do mundo – exílio de todo o entorno —, pode ser chamada praticamente de fuga, entretanto, sem partir fisicamente de nenhum lugar. Do mesmo modo tem-se a comparação feita pelo autor da retirada do mundo com a leitura *simples* de um livro, em que o deserto já não necessita da presença real do eremita, posto que os livros – verdadeiros condutores dos leitores para outra realidade, lugar – estariam na diminuta dimensão que viabilizou ao leitor, já no século XIV, levar consigo o “deserto de bolso”<sup>25</sup>. “De facto, os media literários do início dos tempos modernos na Europa põe à disposição dos leigos um impotente médium de exercício. Abres um livro, lês uma frase — e já fizeste a tua anacorese instantânea. Há séculos que o livro serve ao contemplativo de veículo da retirada ‘para a terra natal do seu próprio eu’”<sup>26</sup>.

Nessa linha argumentativa, nesse diapasão de raciocínio, pode-se dizer que a mãe, e ou aquele que executa a maternagem com a disponibilidade visceral, corpórea e mental, cria entre este e a criança um enclave, um estar-no-deserto, uma “retirada para a terra natal do seu próprio eu”. Essencial é observar que este Eu, perante a tarefa de gestar e educar outro Ser humano, lida com a sua própria mutação, transformação em um Ser mais evoluído, de forma que possa alimentar esta criação do Outro. Por este processo de mutação, observa-se que, ao final de um tempo, ocorre uma dessubjetivação e, na sequência, uma ressubjetivação, resultando numa construção de um novo Eu, por assim dizer.

## Considerações Finais

Partindo da hipótese formulada, a fim de construir um elo entre antropotécnica em Sloterdijk e a maternidade, viu-se a necessidade de considerar o contexto geográfico, cultural, histórico da maternidade, e circunscrever a maternagem aqui especulada como objeto do pensar, para, por fim, traçar a trama de interseção entre as duas (antropotécnica *versus* maternidade). Tal

---

24 *Ibidem*, p. 278.

25 *Idem*.

26 *Idem*.

Pode a maternidade ser uma antropotécnica?

Antropotécnica em Sloterdijk – uma hipótese especulativa

trajeto foi cumprido ao longo da introdução e do primeiro capítulo, cabendo expor a visão decolonial, a da antiguidade europeia, mundo pré-helenístico, Império Greco-Romano, a das realidades não europeias, comunidades autóctones americanas, comunidades autóctones não americanas, da modernidade e da contemporaneidade, maternidade e biopoder, e maternidade pós-feminista, para somente assim chegar a circunscrever a maternagem aqui estabelecida como espinha dorsal da especulação filosófica, ora destrinchada.

A *maternidade-maternagem* aqui definida como fundamento da teoria investigativa do desdobramento do pensamento acerca de ser uma possível antropotécnica é a maternidade tomada a partir da experiência pessoal de uma mulher hetero, latino-americana, mãe na virada do século XX para o XXI, miscigenada (cafuza e mameluca) que percebeu, ao longo de duas décadas, a maternagem como uma ferramenta de automodelação, autotransformação, e os filhos como seus *trainees*.

Dito isto, convém, na finalização da presente investigação-hipótese-especulação filosófica, engendrar a intercessão delineada entre maternagem e antropocêntrica em Peter Sloterdijk, como se verá a seguir.

É preciso destacar a importância da questão da forma, da esfera, em toda a obra-teoria-tese de Peter Sloterdijk, consubstanciada em três tomos — todos chamados, por este motivo, de esferas — subdivididos em três, a saber, Esferas bolhas, Esferas globos, Esferas espumas. Para fins de construção da correlação entre maternidade e antropotécnica, a pesquisa foi concentrada no tomo I (Esferas: bolhas), que teoriza acerca da maternidade, enquanto para a antropotécnica elegeu-se a obra «*Tens que mudar de vida*».

No intuito de cerzir a teia da argumentação filosófica, em vista do que foi deslindado pela teoria do íntimo, pela bolha dual, pela análise da microesfera da barriga curva que abriga um feto e toda a topografia da psique humana a partir deste ponto (lugar primeiro, onde não se fala de correlação sujeito e objeto, ao contrário, fala-se de uma relação dual, na díade feto e placenta; feto e cordão umbilical; feto e sangue; e a partir de sua irrupção da esfera do ventre, sua relação com o oxigênio e o som, a psicoacústica com a voz da mãe), pode-se encontrar a gênese de uma relação visceral, cujo desdobramento se dá no *cuidar do feto*, até seu pleno desenvolvimento, sendo esta, como já dito, uma *maternagem* que perpassa objetivamente a experiência pessoal de uma maternidade exclusiva, de disponibilidade física e mental abrangente. Por conseguinte, tem-se, com tais elementos, o fio condutor que deságua em características peculiares, que são as mesmas destrinchadas pelo autor quando trata da antropotécnica para o melhoramento de si; da antro-

Pode a maternidade ser uma antropotécnica?

Antropotécnica em Sloterdijk – uma hipótese especulativa

potécnica como ascese; da antropotécnica como exercício habitual formador de heterotopia, de enclave, que se configura como atrator que engendra uma tensão vertical, elevando para cima e para o alto a condição do exercente da maternagem como humano, tornando-o um ser melhor.

Avança-se audaciosamente, contudo, sem medo de errar, ao dizer que os treinadores desse exercício altruísta seriam os *próprios filhos*, muito embora, em posição inversa, na medida que os filhos, como aprendizes, não estão na posição de modelo ideal ainda, entretanto exercem a função de treinadores daqueles que exercem a maternagem.

O gestar uma criança pode ser traduzido como o surgimento de uma *vertical interior* que — após o nascimento, com a habitualidade do exercício do cuidar daquele ser humano, com o aprendizado que se transmite, que nesse contínuo tratamento de um-para-com-outra resulta em formador de enclave, de heterotopia encravada no mundo externo — traria, ao cabo de algumas décadas, uma circunstância na qual verifica-se a resultante do melhor de Si, na medida que se tratar de verdadeiros treinos fortalecedores do Eu.

De mais a mais, é possível de pronto perceber que a autoplástica conquistada, fruto da antropotécnica, pode perfeitamente ter elo estreito e direto com o exercício da maternidade por intermédio dos dois elementos citados: o *habitus* e a heterotopia.

Dado que se encontra esta verossimilhança entre a fundamentação do conceito de antropotécnica de Sloterdijk — ora esmiuçado — e a experiência da maternagem, haveria evidências de que tais pilares constitutivos da antropotécnica são também encontrados no universo particular entre mãe e filho, no exercício pleno da maternidade. Este esvaziamento do seu eu-próprio, este isolamento do mundo exterior, acontece no afã de dar o melhor de si. Ao ocupar-se inteiramente da educação e criação daquele ser, forma esse *enclave*, essa *heterotopia* de uma microesfera de práticas de exercícios habituais — *habitus* — do educar, resultando num exercício de autodomínio, de autocontrole de Si, para, ao fim e ao cabo, transmitir o saber, asseverando o melhor de si que se traduz, com o passar do tempo, numa autorreforma e automodelagem.

Note-se ainda que uma vigilância constante da entrega do seu melhor — que é o que mantém o enclave — também se dá na prática da maternagem, posto que há uma preocupação permanente na entrega de um melhor cuidar. Dito isto, percebe-se que os filhos se tornam os treinadores dos *executores do cuidar* de maneira paradoxal, uma vez que são os aprendizes e, concomitantemente, ocupam o posto de *treinadores*.

Por fim, torna-se plausível a hipótese investigativa apresentada nestas páginas, onde especulou-se sobre o movimento de um pensamento que encontrou uma interseção, um entrecruzamento claro e objetivo entre a *antropotécnica e a maternidade* ao responder afirmativamente à problematização filosófica de que a maternidade (anteriormente circunscrita dentro de outras possíveis, na medida que houve um desmonte de sua universalidade) exercida a partir da experiência de uma autoetnografia (uma escrita de si que resultou em reflexões acerca das vivências cotidianas da maternidade), no decorrer de décadas, *pode sim ser considerada e pensada como* uma antropotécnica tal como em Sloterdijk, dado que possibilitou uma tensão vertical que leva a uma auto-plástica, a um crescente melhoramento de Si, no exercício dos elementos da *habitualidade* do cuidar e do *enclave* — criado dentro dessa técnica — de cuidar, educar e formar os filhos em seres outros, que ao final podem e devem resultar em subjetividades diferentes entre si, e que crescem à sua própria revelia.

“*Ser mãe talvez seja a arte de dar o que a gente não tem*”

(Betty Milan)

Mas, acaba tendo...

## Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 edições, s.a.

MELATTI, J. C. A criança Marubo: educação e cuidados. *In Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* 1 (1979), Brasília, p. 293-301.

MENICONI, P. A.; SILVA, G. R. Transfigurações categóricas: a metamorfose da natureza entre Lévi-Strauss, Descola e Viveiros de Castro. *In Occursus, Revista de Filosofia* 6 (2021), Fortaleza, n. 2, p. 304-319.

MESKELL, L. *Private life in new kingdom Egypt*. Princeton: Princeton University Press, 2002.

MIGNOLO, W. D.; WALSH, C. E. *On decoloniality: concepts, analytics, praxis*. Durham: Duke University Press, 2018.

- MORAÑA, M. Humanismo y biopolítica. Monstruos en el parque humano. A propósito de Peter Sloterdijk. *In Revista Letral* 21 (2019), Granada, p. 24-47.
- MORIN, E.; SLOTERDIJK, P. *Tornar a terra habitável*. Natal: EDUFRN, 2021.
- MOURA, S. M. S.; ARAÚJO, M. F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *In Psicologia Ciência & Profissão* 24 (2004), p. 44-55.
- NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *In Psicologia em Estudo*, 11 (2006), Maringá, n. 3, p. 647-654.
- NUNES, S. A. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- NUNES, S. A. Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República. *In História, Ciências, Saúde* 17 (2010), Rio de Janeiro, supl. 2, p. 373-389.
- NUNN, J. *Ancient egyptian medicine*. London: The British Museum Press, 1996.
- OLIVEIRA, E. S.; LUCINI, M. O pensamento decolonial: conceitos para pensar uma prática de pesquisa de resistência. *In Boletim Historiar* 8 (2021), Goiânia, p. 97-115.
- PELBART, P. P. Tens de mudar de vida. *In CEPE, Continente, Ensaio* 263 (2020). Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/236/tens-de-mudar-de-vida>>. Acesso em: 21 jul. 2022.
- SLOTERDIJK, P. *Esferas II: globos. Macrosferología*. Madrid: Siruela, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Du musst Dein Leben ändern. Über Antropotechnik*. Frankfurt: Suhrkamp, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Esferas I: bolhas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Tens de mudar de vida*. Lisboa: Relógio D'Água, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Temperamentos filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 2012.
- \_\_\_\_\_; HEINRICH, H.-J. *El sol y la muerte*. Madrid: Siruela, 2016.
- SZTUTMAN, R. *Apresentação*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2007. (Coleção Encontros).
- THE AMERICAN UNIVERSITY IN CAIRO. History of Mother's Day: from Ancient Egypt to modern times. *In News*, 21 mar. 2016. Disponível em:

<<https://www.aucegypt.edu/news/stories/history-mothers-day-ancient-egypt-modern-times>>. Acesso em: 23 jun. 2022.

TRINDADE, F. F. Onde o sexo entra no jogo político: análise foucaultiana acerca do dispositivo de sexualidade. In *Enciclopédia* 4 (2015), Pelotas, p. 81-93.

TYLDESLEY, J. *Hatchepsut: the female pharaoh*. New York: Viking Press, 1996.

\_\_\_\_\_. *Daughters of Isis: women of Ancient Egypt*. London: Penguin, 1994.

VASQUEZ, G. Maternidade e feminismo: notas sobre uma relação plural. In *Trilhas da História* 3 (2014), n. 6, p. 167-181.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A propriedade do conceito. In *ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 25. ST 23: Uma notável reviravolta: antropologia (brasileira) e filosofia (indígena)* (2021), Caxambu. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st23-1/4695-ecastro-a-propriedade/file>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *A inconstância da alma selvagem*. 5. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2013. (Coleção Ensaios).